
Vivências e “outras vidências” em corpos privados do sentido da visão¹

José Carlos Duarte²

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

Resumo

Vivências e Outras formas de *Vidências* experienciadas no *mundo da vida* cotidiana por pessoas cegas constituem o cerne desta investigação, orientada pela perspectiva fenomenológica, que reconhece a variedade e a diversidade da própria experiência perceptiva humana. Ficou evidenciado que, através dos sentidos do tato, da audição, do cheiro e do gosto, e da cinestesia, a pessoa com deficiência desvenda o universo que a rodeia, percebe as nuances existentes no espaço e reconhece a diferença entre os seres. Ao associar estas informações sensoriais, monta um quebra-cabeça e constrói imagens mentais com o poder de orientar seu cotidiano e contribuir para situá-la no mundo com mais firmeza

Palavras-chave: “outras vidências”; corporeidade em pessoas cegas; vivências intersubjetivas; aprendizagem não formal; fenomenologia empírica; narrativas autobiográficas.

O tema da deficiência emergiu em minha vida por obra do acaso (se o acaso existe!), a partir de uma visada espontânea apresentada ao meu olhar: a cena de um cego empurrando um cadeirante! Isso dá um doc!, vislumbrei naquela tarde de 2005, diante do Centro de Cultura Camilo de Jesus Lima, em Vitória da Conquista. Deste olhar fenomênico emergiu o documentário *Me empurra que eu te guio*, seguido de *Uma só mãe e muitos pais*, um registro dos 25 anos de fundação da ACIDE, *Um minuto de palavras que vêm do coração*, em comemoração aos 30 anos e uma enquête encaminhada a dez associados para verificar o impacto da pandemia na vida de pessoas cegas. Esta parceria com a ACIDE, Associação Conquistense de Integração/Inclusão do Deficiente, instigou o objeto desta investigação, o mundo da vida dos cegos. Este percurso investigativo foi estruturado a partir de entrevistas realizadas com doze de seus associados. A ACIDE, como local de aprendizado e de redescoberta do mundo, materializou este encontro e tornou-se um campo de investigação deste fenômeno, lugar propício à observação da ocorrência de relações intersubjetivas, de troca de experiências e de co-responsabilidades entre os sujeitos cegos, seus colegas e professores.

¹Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Doutor em Educação e Contemporaneidade/UNEB, professor do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. E-mail: jose.duarte@uesb.edu.br

Procurei descrever como se constitui o mundo da vida em corpos cegos? Qual a contribuição de processos perceptivos e intersubjetivos na constituição de outras formas de produção de sentido? Quais as *Outras Vidências* que podem ser despertadas a partir desta condição sensorial e desta corporeidade diferenciada? Por sua vez, as *Vivências* dizem respeito ao que ocorre em sua vida cotidiana, como exprimem suas experiências, consigo e com os demais seres, animados e inanimados? O que norteou esta investigação foi descrever como se manifestam estas vidências e vivências. Teve como objetivo principal descortinar outras formas de vidência, termo que, aqui, não se confunde com o dom sobrenatural de ver o passado ou o futuro, e vai além de mostrar o aguçamento dos demais órgãos sensoriais com a perda da visão, mas busca desvelar estas outras vidências enquanto formas próprias da pessoa cega ser e estar no mundo, com os outros. Como objetivos secundários evidenciar o potencial de transformação no rumo da vida de pessoas cegas a partir do ingresso nesta instituição (ACIDE) de educação não formal, que lhes oferece, em um ambiente de convívio agradável, aprendizagem de diferentes tecnologias assistivas. Buscou-se, também, saber como ocorre sua constituição enquanto sujeitos cegos, qual o papel de suas famílias neste processo, como se dá a interação com seus pares e suas distintas subjetividades e como conseguiram trilhar seus próprios caminhos.

Para orientar a imersão nesta dimensão da corporeidade e da sensorialidade em pessoas cegas, buscou-se o aporte teórico da fenomenologia, campo de saber que reconhece a variedade e a diversidade da experiência perceptiva humana. Esta orientação teórico-metodológica tem seus fundamentos epistemológicos originados em Edmund Husserl e agrega a contribuição de Maurice Merleau-Ponty e seus seguidores. A vivência fenomenológica, experienciada nestes encontros e conversas com seus associados, foi alma pulsante a determinar a textura desta abordagem, e os indivíduos cegos a regeram com as histórias que nos contaram. Qual foi o aprendizado conquistado nesta trajetória investigativa com os intervenientes, aqueles que se dispuseram a nos contar sua trajetória de vida e mostrar os caminhos de superação e ajustamento a esta condição sensorial, uma vez que estar cego é apenas uma das muitas formas corporais de vivenciar este mundo? Percepcionou-se que um corpo vivido é um campo localizado de sensações, lugar no qual estas se manifestam, completamente entrelaçadas com minha existência como ser consciente. O corpo serve como o “ponto-zero” de

orientação, indica onde me localizo, o que me permite ter uma perspectiva sobre o mundo.

A expressão fenomenológica “mundo da vida” significa o solo prévio de toda experiência humana, simplesmente por estarmos situados em um mundo pré-reflexivo, que me fornece percepções, crenças, afetos, um mundo do qual jamais vou me separar. Mas esta atitude natural, em seu sentido negativo, parte da suposição ingênua de que as coisas que percebo existem por si, independentemente de minha percepção, e de minha intencionalidade. Ocorre que, para a fenomenologia, não há intencionalidade entre objetos e coisas, só há intencionalidade de uma consciência para um objeto, ou de uma consciência para outra consciência. Interessa a estrutura do sentido, como as essências vêm à luz, a partir de uma experiência concreta, em que o sentido do fenômeno já contém em si uma estrutura de sentido. O pesquisador somente alcançaria o fenômeno em si se conseguisse se colocar fora do circuito do conhecimento do mundo, o que não é de todo possível.

Mas é possível nos libertarmos, parcialmente, de juízos prévios que levamos para qualquer experiência, ao questionar a atitude natural, através da redução fenomenológica, ou *epoché*, que tem por ofício desconstruir nossas elaborações mentais, ideais ou sociais. Com este procedimento, tentamos guardar um distanciamento crítico da paixão, enquanto permanecemos colados no mundo da vida. Ao aplicar esse procedimento compreendi que o mundo existe, para todos nós, como um produto intencional, como uma visada da consciência e uma produção de sentido, o que nos permite perceber os fenômenos humanos em seu teor vivido. Tanto em sua realidade existencial como na realidade exterior, o que conta para a fenomenologia é aquilo que se mostra à consciência, e não apenas aos sentidos corporais.

O que me é dado na percepção é o aparecer da coisa, vivenciada nos atos de consciência e na intuição, como uma apreensão imediata, uma evidência surgida entre o pensado e o imediatamente dado, que necessariamente nem precisa ser imagem, mas apenas um relance perceptivo, um “estalo”! (Me empurra que eu te guio) Pude notar que o mundo vivido na dimensão subjetiva desta condição sensorial proporciona vislumbrar horizontes distintos daqueles alcançados pela percepção humana convencional, em relação aos objetos e seres do mundo, lugar que dá sentido e finalidade ao agir e ao ser, sempre penetrado por alguma intencionalidade. Ao observar como o mundo aparece à consciência de pessoas cegas percepcionei uma apropriação distinta e própria a cada

um, constituída em sua subjetividade transcendental, ou em sua consciência. Contemplar o mundo, para os cegos, assim como para os videntes, significa vê-lo em sua vida da consciência, e em configurações sempre novas.

A intencionalidade é manifestada em cada situação experienciada no nosso dia-a-dia, mesmo que não seja notada enquanto tal. Partindo de mim, descobri que a percepção de nossos corpos e a vivência da alteridade é recíproca, porque nela percebo minha própria humanidade, enquanto minha intencionalidade modifica-se na relação com os outros. Percebi que ir do fato à essência é o caminho que confere à experiência, particularmente do ser humano cego, um gosto singular, propício ao desvendamento de outras vidências. O que se apresenta a mim através do corpo animado de um cego é outra subjetividade, uma experiência que tenho a partir de corpos alheios.

A dimensão ética é parte inseparável da vida prática diária de um corpo cego e a melhor maneira de lidar com ela é vivê-la de uma forma responsável em suas relações intersubjetivas, seja com enxergantes ou com não enxergantes. Seu cotidiano se constituiu como um espaço de afirmação, criação e resolução de saberes corporais, em boa parte adquiridos nesta instituição formadora que é a ACIDE. Este solo empírico mostrou a sua própria diferença. Como local de aprendizado não formal e de compartilhamento de experiências intersubjetivas, contribuiu para a compreensão do processo civilizatório em que estamos imersos e pode mesmo ser considerada insurgente, uma vez que não está inteiramente aferrada aos moldes do sistema educacional vigente, em sua atitude de combate aos preconceitos e a favor da inclusividade de pessoas com percepções sensoriais distintas de um padrão de normalidade convencionado. Esta insurgência pode ser constatada na medida em que traz à cena o protagonismo de pessoas de quem o senso comum não esperaria oferecerem ao mundo possibilidades de alcance universal, em termos de conhecimento, de aprendizado, de descoberta do mundo.

Neste contexto, a ACIDE tornou-se um laboratório vivo de experimentação dessas outras possibilidades afirmativas, que pressupõem um forte alcance civilizatório. Na narrativa aqui desenvolvida, pude compreender que o sujeito cego está apto para formular seus próprios modos de ser e estar no mundo com os outros, que sua autonomia foi se constituindo a partir de sua própria experiência e nas decisões tomadas no curso de sua vida cotidiana, como no ato de se alimentar, de escolher uma roupa, de se deslocar de um lugar para outro. Notei que esta postura contribuiu para a construção

de uma personalidade saudável, com capacidade de superar conflitos e de realizar aprendizagens. Compreende-se, aqui, que o corpo do cego é o lugar por excelência de seu aprendizado do mundo, assim como para todos nós, mas ocorre de uma forma singular. E são estas singularidades subjetivas imersas em um caldo de cultura intersubjetiva proporcionado pela ACIDE que buscamos compartilhar. Importa para esta investigação o que o entrevistado efetivamente disse, pois se trata de um exercício sobre a materialidade do dito.

Estas narrativas autobiográficas têm como premissa o poder transformador do ato de narrar a própria experiência vivida. A narrativa é algo que não se exaure, conserva a sua força e é capaz de desdobramentos mesmo depois de passado muito tempo. O narrar, como elemento constitutivo do ser, contribui para que se descubram enquanto narram a si mesmos, e assim nos revelam os meandros de uma forma de vivência, distinta para cada uma destas individualidades, e que um olhar desavisado poderia colocar em uma categoria única, a de pessoas cegas. Esta pesquisa pode ser vista como uma celebração, uma abertura de horizontes, em que o investigador buscou ser prospectivo, enfrentou a empiria, o concreto da experiência, e buscou ampliar este horizonte com um olhar fenomenológico, em que cada experiência reconstitui essa essência ao mostrar a sua singularidade. Afinal, a mente não é cega, como nos revelam estas narrativas conversadas e filmadas.

Um dos desafios foi sair da vigência monocrática da imagem visual e buscar perceber como a pessoa invisual consegue, em suas narrativas, nos mostrar como transforma uma imagem numa sensação tátil, uma textura numa imagem, um cheiro numa lembrança, uma música num momento significativo, um sonho recorrente no qual enxerga colorido, uma experiência afetiva entre cegos ou com enxergantes, a vivência de uma situação limite entre a vida e a morte, as experiências de degradação da visão e de transição entre a visualidade e a cegueira. Percebem, nesta condição sensorial, o despertar e o aguçamento dos demais sentidos e a ocorrência de outras vidências, com as quais se relacionam com o mundo das coisas e das gentes.

Após a realização das entrevistas com doze associados, buscou-se um instrumental que favorecesse a emergência de categorias mais frequentes, dos temas que mais aparecessem espontaneamente na fala dos entrevistados, para assim se manter imerso no método, em que o aparecer do sentido é trazido pelos próprios entrevistados. O método empírico fenomenológico, elaborado por Amedeo di Giorgi e Daniel Sousa

para o campo da Psicologia, foi aqui adaptado. Tem início com a construção dos protocolos, momento de preparação para a interpretação dos dados. Implica em descrever, sem julgar nem interpretar, cada depoimento, para obter o sentido geral, extrair o que cada depoente quer dizer, e analisá-lo. Este método científico inicia-se com a recolha de descrições de senso comum de outros sujeitos e tem como resultado uma descrição da estrutura fenomenológica essencial do fenômeno. Ao analisar estes depoimentos, tem-se o intuito de identificar os elementos “invariantes”, as essências, o significado desses mesmos fenômenos em corporeidades e subjetividades distintas. A partir de várias descrições individuais consegue-se alcançar significados essenciais, que dão origem a uma estrutura geral do fenômeno investigado. Neste momento, busca-se mostrar, brevemente, como se dá a articulação entre os elementos empíricos com os referenciais teórico-práticos.

Fernando, quando está casa, cria uma Imagem Mental onde visualiza o fogão, a pia, o banheiro, e esta imagem o direciona corretamente de um lugar para outro, auxiliado pelo som e pelo tato. Na rua, costuma imaginar que está vendo o percurso, como em um negativo de fotografia, uma imagem sombreada que guarda na mente, uma referência ou lembrança do tempo em que enxergava e também é auxiliado pelo som e o tato. Percebemos, neste fragmento, ou Unidade Significativa (US), que o seu cotidiano se encontra envolto em uma percepção cinestésica, um conjunto de sensações originadas nos órgãos sensoriais e reelaboradas na mente que o auxiliam em seus deslocamentos diários. Foi o primeiro cego graduado em Pedagogia pela UESB.

Ildes costuma dizer que a professora de Orientação e Mobilidade faz como que uma cirurgia para que a pessoa cega mentalmente enxergue: começa a andar e fazer um trajeto por um bairro que desconhece e repetem aquele percurso umas cinco vezes, até que começa a enxergar aquele local, a visualizar com a sua mente, com a sua imaginação. Esta narrativa pode ser enquadrada nas US “Memória tátil”, “Ajustamento Criativo”, “Imagem Mental”. Contou que aos cinco anos, já cega total (US Limites da visualidade), aprendeu a ir ao tanque para pegar água sozinha e no pomar conseguia identificar se a melancia já estava madura e se já podia tirar (US Percepção tátil/auditiva). Sua mãe lhe havia ensinado a cozinhar, a fritar ovos no fogão a lenha, a lavar louça e as suas próprias coisas, a passar roupa e a fazer roupa de boneca, assim como a higiene da vida diária, o que foi de muita valia quando se tornou mãe de dois filhos. (US Heterocuidado, o cuidado de alguém para com outrem).

Eliab compreende que a cegueira não é uma limitação para si, porque pode fazer o que quiser. Costuma dizer que a cegueira está limitada a seus olhos, porque todos os seus membros e sentidos estão ativos. Como já enxergou, teve vários sonhos em que sua mãe aparece, mas com a imagem da lembrança de quando enxergava. (US autoanálise, limites e possibilidades do corpo, memórias de quando enxergava)

Joílson, o único depoente que nasceu cego, constrói imagens captadas pelos outros sentidos, pelo cheiro e pelo tato, principalmente, que oferecem a possibilidade de sentir, de perceber o mundo através de outras formas sensíveis. Lembra dos amigos da infância e do gosto de brincar na chuva, de sentir a água e a lama, de amassar o barro com as mãos. Como nasceu na zona rural, carrega consigo o cheiro das plantas e o gosto das frutas, assim como a sonoridade das melodias das músicas sertanejas. É graduado em Psicologia UESB. (US lembranças afetivas, percepções táteis/olfativas/auditivas).

Herbert era namorado e hoje é marido de Karol, e com um resquício visual no olho direito consegue ver os traços dela quando fica próxima, o formato do rosto, a boca pequena, a cor do cabelo. Conta que o que mais o atraiu foi ela gostar de movimentos sociais, ser muito inteligente e conversar vários assuntos. Mas o principal fator foi a música, o fato de ela cantar desde pequena e gostar de MPB. Assim como Karol, foi incompreendido quando se relacionou com uma pessoa enxergante. Gostava de sair de casa com a bengala, para se sentir mais autônomo e seguro, mas a namorada não queria, sentia vergonha de andar com ele assim (US Relacionamento com enxergante /com cego, Potências da Visualidade).

Arcanjo considera que a escrita em braile, feita através do toque dos dedos das mãos sobre símbolos em relevo, tem importância para o aprendizado e a alfabetização de crianças ou adultos cegos, porque, através dela, há o toque nas palavras. Mas para conteúdos mais densos prefere usar o DOSVOX, aplicativo que considera uma janela sem precedentes para a inclusão de pessoas cegas. Entende que estes recursos facilitam a aquisição de conteúdos de educação, porque o que está no livro pode ser escaneado, digitalizado para o computador, e que aí acaba a barreira entre a escrita e a visão. (US Percepções táteis, Tecnologias assistivas/Aprendizado) Graduado em Pedagogia UESB

Notei a partir destas narrativas e do substrato teórico que as sustenta, que uma vida relativamente livre consiste em conquistar a liberdade como manifestação de um estilo, em que se possa afirmar que a vida vale a pena ser vivida. A valorização de experiências culturais criativas pode gerar dinâmicas que alimentem a percepção,

estimulem os demais sentidos, e provoquem a emergência de “outras vidências”, que agucem as demais sensorialidades e a sensação de pertencimento à grande família humana. Afinal, o viver criativo é um modo de existir ou de ser no mundo, diz respeito a tudo aquilo que fazemos para fortalecer a percepção de que estamos vivos e de que somos nós mesmos, do jeito como somos. Percebi que estar cego é apenas uma das muitas formas corporais de vivenciar este mundo, e o que existe, na realidade, são contextos sociais pouco sensíveis à compreensão da diversidade corporal como expressão de diferentes estilos de vida.

Referências

10. Referências

AMATUZZI, Mauro. **O que é ouvir**. Estudos de Psicologia, n. 2, ago/dez/1990, PUCCAMP/SP.

CAMINHA, I. O. **10 lições sobre Merleau-Ponty**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019 a.

DEPRAZ, N. **Compreender Husserl**. Petrópolis: Vozes, 2011.

GIORGI, A.; SOUSA, D. (2010). **Método fenomenológico de investigação em psicologia**. Lisboa: Fim de Século, 2010.

GUIMARÃES, A. **O conceito de mundo da vida**. Cadernos da EMARF, Fenomenologia e Direito, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 1-150, abr./set./2012

HOLANDA, Adriano. **Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica**. Revista Análise Psicológica 3 (XXIV) pp 363-372.

MARCONDES F., C. **Michel Serres e os cinco sentidos da comunicação**. São Paulo: Novos olhares, 2005, edição 16, 2º sem.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006 (1999).

_____. **O cinema e a nova psicologia**. (pp.105-116) In: Xavier, Ismail (org.). A Experiência do Cinema. Graal, 1983. Edisciplinas.usp.br

PASSEGI, M. C. **Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador**. Revista Práxis Educacional, v.17, n. 44, p. 93-113, jan./mar./2021.

RIBEIRO, J. P. **O ciclo do contato: temas básicos da abordagem gestáltica**. São Paulo: Summus, 2019.

SERRES, M. **Os cinco sentidos: filosofia dos corpos misturados**. Bertrand Brasil, 2001.